



CAPÍTULO 11

LEITURA E REPRESENTATIVIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA A PARTIR DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Valdomiro Alves

Franciele B. Barbosa

Daniel Moraes Santos

RESUMO: Esta pesquisa pretende analisar a representatividade das personagens destacadas nas revistas em quadrinhos. O sucesso das chamadas Convenções de Quadrinhos mostra que a leitura de quadrinhos vem se popularizando ainda mais. Nas aulas voltadas às humanidades na educação básica, entre elas a Filosofia, a leitura de textos é atividade crucial para o bom entendimento do conteúdo, e as histórias em quadrinhos se apresentam justamente como um caminho para atrair o foco da leitura para estes conteúdos. Para tal finalidade, faremos um estudo sobre as possibilidades de utilização das histórias em quadrinhos no contexto da educação formal, assim como analisaremos o impacto destas histórias na sociedade brasileira a partir de reportagens de alta circulação no território nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Didática, Ensino de Filosofia, Leitura, Quadrinhos.

ABSTRACT: This research aims to analyze the representation of characters featured in comic books. The success of the so-called Comic Book Conventions shows that reading comic books is becoming increasingly popular. In classes focused on the humanities in basic education, including Philosophy, reading is a crucial activity for a good understanding of the content, and comic books are presented precisely as a way to draw the focus of the reader to these contents. To this end, we will conduct a study on the possibilities of using comic books in the context of formal education, as well as analyze the impact of these stories on Brazilian society based on widely circulated reports in the country.

KEYWORDS: Didactics, Teaching Philosophy, Reading, Comics..

1. INTRODUÇÃO

Ao mesmo tempo em que é possível perceber alardes sobre a ideia de que “o brasileiro não lê”¹, temos também iniciativas que são totalmente baseadas na leitura, a exemplo das feiras literárias², das Convenções de Quadrinhos³ ou do aumento da venda de livros durante a pandemia⁴. Este paradoxo nos fornece ao menos duas perspectivas: [1] as pesquisas que afirmam a falta do hábito da leitura estão [no mínimo] enviesadas; ou [2] precisamos, enquanto docentes da educação básica, nos voltar ao material de leitura que está sendo consumido pelas/os estudantes. Nesta pesquisa nos atentamos ao segundo ponto apresentado.

A utilização de materiais diversos em sala de aula não está entre as novidades do momento. Os livros didáticos já apresentam tirinhas, charges e quadrinhos há bastante tempo. É possível perceber o aumento, tanto quantitativo, com um maior número de quadrinhos, quanto qualitativo, com uma maior variedade de formatos e de autoras/es destes materiais, chegando inclusive nas provas e exames nacionais⁵.

No ensino de Filosofia existe a necessidade de criarmos uma aproximação entre as/os estudantes e o tema abordado em sala de aula. Silvio Gallo (2012) nos mostra que este momento, denominado de Sensibilização, é o início do caminho para compreensão de um problema filosófico.

Trata-se, nessa primeira etapa, de chamar a atenção para o tema de trabalho, criar uma empatia com ele, isto é, fazer com que o tema afete os estudantes. Sabemos que os conceitos só são criados para enfrentar problemas, e que só enfrentamos os problemas que efetivamente vivemos. Ora, de nada adiantaria que o professor indicasse um problema aos alunos. Para que eles possam fazer o movimento do conceito, é preciso que o problema seja vivido como um problema para eles (GALLO, 2012, p.96).

Desta maneira, a utilização de materiais que apresentem uma boa representatividade (racial, de gênero, de classe, étnica e outras) se mostra crucial. A escolha da qualidade do material didático fará com que as/os estudantes possam se identificar com o problema filosófico como tal.

Assim sendo, nesta pesquisa pretendemos analisar a representatividade das personagens destacadas nas revistas em quadrinhos, de maneira que possamos levar à sala de aula um material de sensibilização de qualidade, que apresente personagens e eventos que valorizem as/os estudantes e suas vivências, e principalmente excluindo materiais que apresentem qualquer situações de discriminação.

¹ Ver <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/66-dos-alunos-brasileiros-nao-leem-textos-com-mais-de-dez-paginas-diz-estudo/>. Acesso em 13 out. 2024.

² Ver <https://flica.com.br/>. Acesso em 13 out. 2024.

³ Ver <https://www.ccxp.com.br/>. Acesso em 13 out. 2024.

⁴ Ver <https://piaui.folha.uol.com.br/vendas-de-livros-tiveram-um-pico-na-pandemia/>. Acesso em 13 out. 2024.

⁵ Ver <https://g1.globo.com/educacao/enem/2014/noticia/2014/11/segundo-dia-do-enem-tem-luiz-gonzaga-mpb-e-robo-fazendo-selfie.html>. Acesso em 13 out. 2024.

Para tratar da utilização dos quadrinhos em sala de aula, temos a colaboração de Carvalho (2006, Chinen (2017) e Vergueiro (2012, 2017). Sobre o ensino de Filosofia e os materiais de sensibilização, contamos com GALLO (2012). Portanto, esta pesquisa se caracteriza por uma abordagem qualitativa, desenvolvendo metodologia de revisão bibliográfica para atingir as suas conclusões.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Tratando da utilização de histórias em quadrinhos (hq's) em sala de aula, Vergueiro (2012) nos mostra que, devido à sua grande penetração popular, atingindo diferentes faixas tanto de idade quanto de renda, as hq's se mostram como uma ótima ferramenta para o desenvolvimento do aprendizado, dentro e fora dos ambientes formais de educação.

Durante um tempo, de maneira análoga ao que hoje enfrentamos com o uso dos celulares e da internet em sala de aula, os quadrinhos foram questionados e rejeitados nos ambientes dedicados à educação. Vergueiro (2017) apresenta esta trajetória em três etapas: [1] rejeição, onde, devido ao seu "caráter sedutor", as revistas eram proibidas e podiam ser confiscadas; [2] infiltração, quando, principalmente devido a chegada de novas gerações de professoras/es, as hq's passam a ser timidamente introduzidas nas escolas, como "um material novo"; e por fim [3] a inclusão, quando os quadrinhos são considerados elementos constituinte da literatura, estando presentes em livros didáticos e avaliações a nível nacional.

Logo, ao mesmo tempo em que a combinação entre imagem e texto seduz a nossa imaginação, a utilização deste tipo de mídia já não é novidade. Os quadrinhos são utilizados como material educativo há muitos anos, compartilhando, por exemplo, instruções de higiene, de segurança, e até mesmo demonstrando táticas militares de guerra (CARVALHO, 2006).

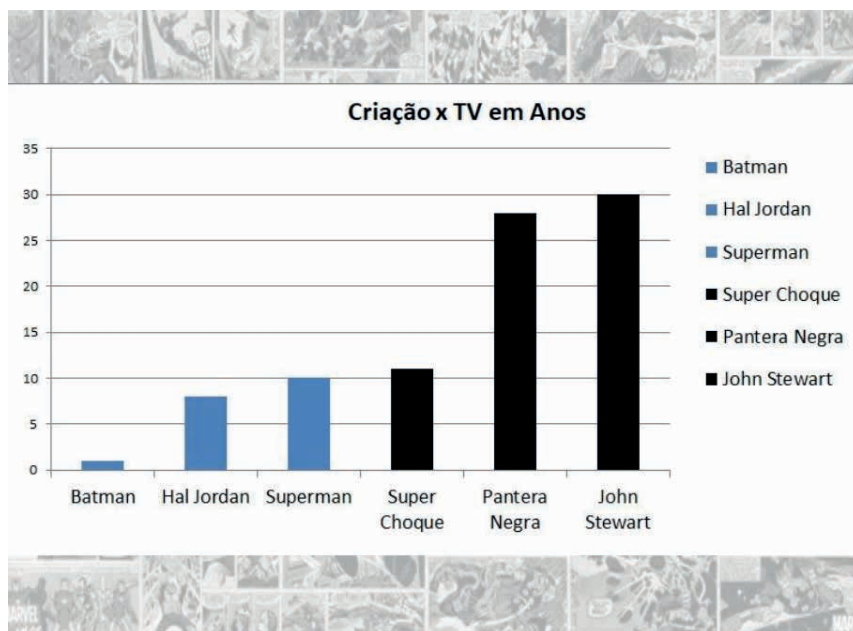
O que surge, portanto, de destaque para o nosso tempo, é a leitura crítica deste material como maneira de sensibilização para entender o mundo ao nosso redor. Entender quem são as protagonistas destas histórias, seu contexto social e o motivo da presença (ou ausência) destas personagens nas páginas das hq's se tornou uma maneira de levar este entendimento às discussões diárias.

Neste sentido, a presença de personagens negras e negros nos quadrinhos, mesmo que já possa ser constatada em décadas passadas, agora passa a ser enfatizada e até mesmo exigida. A busca por materiais que apresentem narrativas de qualidade sobre as experiências, tanto positivas quanto negativas, da população negra em ambientes diversos tem encontrado um público ávido por literatura, não apenas nas hq's, mas em todos os formatos de mídia (CHINEN, 2017).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A representatividade nas histórias em quadrinhos reflete as mudanças sociais e culturais ao longo do tempo, mas também expõe os desafios de uma mídia que historicamente reforçou estereótipos e papéis sociais tradicionais.

Figura 1 – Relação criação personagens quadrinhos x TV



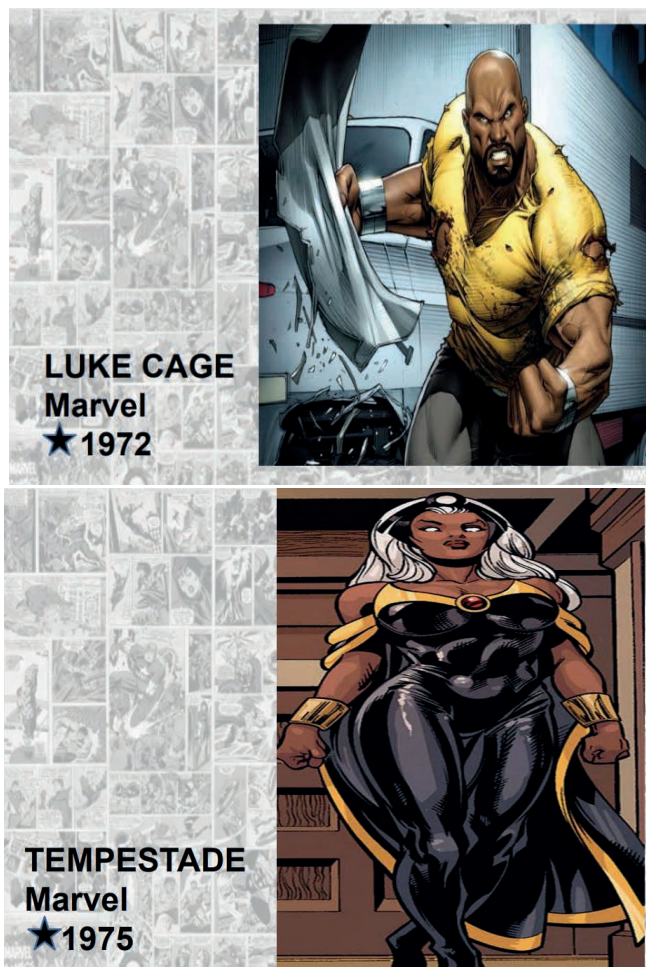
Fonte: elaborada pelos autores (2024).

Desde os primórdios das HQs, especialmente durante a era de ouro (1938–1950), o protagonismo era amplamente dominado por personagens masculinos, brancos, heterossexuais e pertencentes à classe média-alta. Grupos sociais fora desse padrão frequentemente ocupavam papéis secundários ou eram representados de maneira caricatural, reproduzindo preconceitos raciais, de gênero e de classe. Por exemplo, em muitas histórias da época, personagens negros apareciam de forma estereotipada, geralmente como coadjuvantes cômicos ou subalternos, refletindo a visão predominante de uma sociedade excludente.

Nas décadas seguintes, particularmente nos anos 1970, começaram a surgir personagens que representavam grupos historicamente marginalizados, impulsionados por movimentos sociais que lutavam por direitos civis e igualdade. Exemplos notáveis incluem Luke Cage, que trouxe o protagonismo negro às páginas

da *Marvel Comics*, e Tempestade, integrante dos *X-Men*, que não só era uma das poucas mulheres em papéis de liderança, mas também uma figura importante para a representatividade negra em uma época de transformações sociais. Apesar disso, esses avanços iniciais muitas vezes vieram acompanhados de limitações, como histórias que abordavam essas identidades de forma superficial ou estereotipada, sem aprofundar as complexidades de suas experiências.

Figura 2 – Exemplo de personagens de HQs



Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

Mais recentemente, o panorama das HQs tem se diversificado de forma mais significativa, incorporando protagonistas femininas, LGBTQIA+, indígenas, negros e outros grupos que tradicionalmente eram sub-representados. Personagens como Pantera Negra, da Marvel, têm se destacado ao abordar questões de identidade cultural, religião e juventude, ao mesmo tempo em que se conectam com leitores de diferentes origens. Além disso, HQs independentes e produções fora do eixo das grandes editoras norte-americanas têm liderado essa transformação, trazendo histórias que rompem com os paradigmas tradicionais e oferecem representações mais autênticas e variadas.

Figura 3 – HQ Orixás de Hugo Canuto



Fonte: <https://hugocanuto.com/store/>

No entanto, mesmo com esse progresso, há críticas sobre a maneira como essa diversidade é incorporada. Em alguns casos, a inclusão de personagens de grupos minoritários parece ser utilizada como estratégia de marketing, sem um compromisso real com a profundidade narrativa ou com a complexidade das questões representadas. Além disso, obras que tentam desafiar estereótipos frequentemente enfrentam resistência de parte do público, revelando a persistência de valores conservadores em setores da sociedade.

Figura 4 – HQ dos Vingadores



Fonte: Folha de São Paulo setembro 2019

A análise da representatividade nas histórias em quadrinhos revela um cenário em evolução, mas ainda marcado por desafios. Nos últimos anos, editoras têm incluído mais diversidade nas narrativas, trazendo personagens que refletem identidades variadas em termos de gênero, raça, etnia, orientação sexual e classe social.

Apesar disso, ainda há um predomínio de narrativas centradas em protagonistas masculinos, brancos e heteronormativos, especialmente nas publicações mais populares. Personagens femininas muitas vezes são retratadas com ênfase em atributos físicos, enquanto personagens negras ou de outras minorias enfrentam uma representação estereotipada, sendo frequentemente associadas a papéis secundários ou subordinados.

Esse panorama evidencia a necessidade de uma maior conscientização por parte de criadores e editoras para desenvolver histórias que representem de forma equilibrada e empática a pluralidade da sociedade.

As histórias em quadrinhos oferecem uma combinação única de texto e imagem, que facilita a comunicação de conceitos complexos e torna o aprendizado mais acessível e envolvente. Essa característica é particularmente relevante em disciplinas das humanidades, como Filosofia, onde questões abstratas e conceituais podem ser melhor compreendidas com o auxílio de recursos visuais.

O formato das HQs estimula a interpretação de múltiplos elementos (diálogos, expressões visuais e metáforas gráficas), desenvolvendo habilidades de análise e síntese. Por serem culturalmente próximas ao universo dos jovens, as HQs podem facilitar a motivação e o interesse, especialmente entre estudantes que têm resistência à leitura de textos tradicionais.

Nem todas as HQs possuem profundidade suficiente para serem exploradas no contexto educacional. Professores podem necessitar de formação específica para identificar obras adequadas e planejar atividades pedagógicas efetivas. As histórias em quadrinhos refletem e moldam as percepções sociais de seus leitores. No Brasil, as HQs têm desempenhado papel significativo em debates sobre questões contemporâneas, como inclusão, sustentabilidade e crítica social.

A popularidade das HQs entre crianças e adolescentes pode ser uma via poderosa para a formação de consciência social. Reportagens de alta circulação no Brasil destacam como as HQs têm sido usadas como plataforma para tratar de temas relevantes. Se no passado as HQs eram associadas a um público infantil, hoje atraem leitores de todas as idades e perfis. Esse cenário demonstra a versatilidade da mídia, que pode servir tanto para o lazer quanto para o desenvolvimento intelectual e social.

A produção nacional enfrenta dificuldades em competir com títulos estrangeiros de grandes editoras, o que limita o acesso a histórias mais representativas. O custo elevado de algumas HQs de qualidade dificulta sua disseminação em comunidades menos favorecidas.

O impacto social das HQs no Brasil reforça a necessidade de integrá-las ao contexto escolar como forma de refletir sobre questões de cidadania e identidade. Escolas podem atuar como mediadoras, apresentando obras que incentivem discussões críticas e que ampliem os horizontes culturais dos estudantes.

Em suma, a representatividade nas HQs tem avançado, mas ainda há um longo caminho a percorrer. Essa mídia, que tem um impacto significativo no imaginário coletivo, possui o potencial de desconstruir preconceitos e ampliar a visão de mundo de seus leitores. Para isso, é fundamental que os criadores e editoras se comprometam com narrativas mais inclusivas e que explorem de forma sensível e respeitosa as diversas experiências humanas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As HQs têm avançado em termos de inclusão, apresentando personagens mais diversificados e complexos. No entanto, ainda prevalecem estereótipos que reforçam desigualdades sociais. A análise revelou que muitas obras populares retratam figuras femininas, negras ou LGBTQIA+ de maneira limitada ou caricatural, o que pode perpetuar preconceitos.

Estudos apontam que as HQs podem ser eficazes na educação ao combinar texto e imagem, facilitando a compreensão de temas abstratos. Em Filosofia, por exemplo, conceitos complexos como ética, identidade e justiça podem ser abordados a partir de narrativas gráficas, estimulando o pensamento crítico e o engajamento dos estudantes.

O uso das HQs em sala de aula requer planejamento cuidadoso e alinhamento com os objetivos pedagógicos. Sugere-se que professores: (i) selecionem obras relevantes e representativas para o contexto sociocultural dos alunos; (ii) promovam discussões críticas sobre as narrativas, incentivando a análise de questões como poder, identidade e desigualdade; (iii) utilizem HQs como ponto de partida para a leitura de textos filosóficos e literários mais densos.

As histórias em quadrinhos possuem grande potencial como recurso pedagógico e agente de transformação social. Sua popularidade pode ser aproveitada para promover debates sobre representatividade e para engajar os alunos na educação básica. Além disso, a análise das HQs como produto cultural permite compreender como narrativas populares refletem e moldam valores sociais, contribuindo para uma sociedade mais consciente e inclusiva.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Djota. **A educação está no gibi**. Campinas: Papyrus, 2006.

CHINEN, Nobu. **Uso dos quadrinhos no ensino da cultura negra**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2017.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas: Papyrus, 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: BARBOSA, Alexandre et al. (Orgs.). **Como usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012 [2004].

VERGUEIRO, Waldomiro. **As HQ's e a escola**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2017.